



TRABALHO ORAL

IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA GESTÃO
DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Ambiente físico de Bibliotecas face às mudanças
decorrentes do impacto das tecnologias



PADRÕES ESPACIAIS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: revendo para adequar

SANTOS, A. R.¹
ANDRADE, M. V. M.²

RESUMO

Revisão de literatura sobre padrões espaciais em bibliotecas universitárias. Apresenta fontes primárias, como leis; e fontes secundárias, nacionais e estrangeiras, que tratam do assunto arquitetura em bibliotecas universitárias, adequação espacial. Apresenta-se como um estudo teórico, não exaustivo, subsidio do trabalho no Conselho Técnico do Sistema de Bibliotecas e Arquivos da Universidade Federal Fluminense. Esse estudo foi proposto visando à criação de padrões espaciais para criação e reforma de bibliotecas centrais na Universidade. Essas obras serão proporcionadas pelo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Públicas Brasileiras, REUNI. Tenciona proporcionar a todos nossos usuários/clientes um ambiente adequado, e inclusivo na sociedade da informação, através da criação padrões de qualidade.

Palavras-chave: Bibliotecas Universitárias. Arquitetura de bibliotecas.
Padrões de qualidade.

ABSTRACT

Review of literature about standards for libraries in higher education. Provides primary sources, such as laws and secondary sources, national and foreign, it presents as a theoretical study, not exhaustive, base for work in the Conselho Técnico do Sistema de Bibliotecas e Arquivos da Universidade Federal Fluminense. This study was proposed to establish standards for space creation and reform of central libraries in University. Intends to offer to users/customers a suitable environment and inclusive information society, by establishing quality standards.

Keywords: Academic Libraries. Library Architecture. Library Buildings. Standards of quality.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Documentação – NDC é o órgão responsável pela coordenação técnica e administrativa do Sistema de Bibliotecas e Arquivos da Universidade Federal Fluminense. Com o fim de embasar as decisões a serem tomadas, pelo planejamento de resultados, estabelecimento de estratégias e metas foi criado o Conselho Técnico – CONTEC, que dentre outras funções compartilha as responsabilidades de analisar a conjuntura, estudo de alternativas, propostas de soluções para os problemas do Núcleo (ANDRADE, 2004, p. 95).

No último Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, da UFF (2002), foi estabelecido como eixo central seria a “*Expansão de Vagas e a Melhoria Qualitativa dos Cursos*”. Essa idéia foi reforçada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, da UFF que considera:

O REUNI como uma oportunidade para ampliar, aprofundar e conferir sustentabilidade às ações de seu PDI, melhorando a qualidade da expansão já existente e realizando investimentos planejados em infra-estrutura e pessoal que estabeleçam uma base sólida para o desenvolvimento da Universidade para além dos 5 anos de duração deste projeto” (REUNI-UFF, 2007).

O REUNI-UFF destaca também que:

As bibliotecas da UFF têm se pulverizado em bibliotecas menores, dificultando a alocação de funcionários. Pela construção ou reforma de biblioteca central em cada campus, serão otimizados recursos humanos e as bibliotecas funcionarão nos dias úteis das 8:00 às 22:00 horas e nos finais de semana.

Desse modo é exposta a proposta de construção ou reforma de bibliotecas centrais na UFF. A discussão sobre a centralização e/ou descentralização começou na década de 70 do século passado, e agora na chamada sociedade do conhecimento, volta-se a ela. Neste contexto, o Conselho Técnico – CONTEC do Sistema de Bibliotecas e Arquivos – NDC começou a desenvolver um estudo de modo a buscar um posicionamento diante do REUNI – UFF, que propõe a reforma e construção de bibliotecas centrais. Destarte a literatura sobre o assunto padrões espaciais e arquitetura de bibliotecas universitárias começou a ser levantada. Apresenta-se aqui parte deste estudo que deve subsidiar as discussões desse Conselho. Para corroborar com esta discussão,

a presente revisão de literatura caracteriza as diferentes fases do planejamento espacial das bibliotecas universitárias, observando as tendências tanto no Brasil quanto no exterior. A arquitetura de bibliotecas universitárias a muito vem sendo discutida. No Brasil pouco foi escrito, os poucos padrões estabelecidos precisam ser rediscutidos nessa nova sociedade, em que a tecnologia da informação e da comunicação se estabelece como base.

2 CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A sociedade nas últimas décadas tem sofrido transformações com a quebra de paradigmas e o surgimento de novos conceitos como a globalização, os arranjos inovativos e as tecnologias da informação e comunicação. Conseqüentemente, novos modelos de gestão foram surgindo. Os processos organizacionais também foram levados a uma mudança, a uma reestruturação para se adequar a essa nova sociedade que não somente valoriza o conhecimento, como o reconhece como essencial.

Andrade e Santos (2007) destacam que de maneira geral, as bibliotecas universitárias também foram englobadas nessa busca por um novo modelo de gestão, com maior ou menor sucesso. E o que se percebe, no tocante ao planejamento em Biblioteconomia é que o estabelecimento de padrões é fundamental. Há muito se procura estabelecê-los e neste novo contexto social, esse objetivo deve ser alcançado por uma questão de sobrevivência. Nessa nova sociedade os padrões devem estar pautados no novo, no flexível. Parece contraditório, e é. São esses os novos desafios que as tecnologias da comunicação e informação nos apresentam. E a biblioteca universitária deve está pronta para desempenhar uma das suas funções primordiais que é disponibilizar informação científica, acadêmica, de qualidade.

Destaca-se ainda que o papel não é mais o seu suporte principal, os formatos eletrônicos, e principalmente a internet, que vem sendo o suporte preferido pela academia. Garantir a acessibilidade com qualidade continua ser a missão da biblioteca. Para isso é preciso rever os padrões espaciais estabelecidos no passado

e contextualizá-los de forma enquadrar a biblioteca universitária nesses novos tempos.

3 PADRÕES ESPACIAIS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: uma revisão

Carvalho (1981) desenvolveu um estudo sobre padrões de bibliotecas, nesse a questão espacial é bastante presente, são referenciados padrões nacionais e estrangeiros. Destaca-se também a discussão quanto à importância da criação e estabelecimento de padrões.

Percebe-se que os padrões não devem apresentar grande rigidez, mas devem existir para fins de avaliação, de “benchmarking”, bem como verificar, e comparar os parâmetros de qualidade.

Miranda (1998) aponta a dissertação, de 1987, de Valci Augustinho a “*Aclimação ambiental dos prédios de Bibliotecas Centrais universitárias: especificações de construção seguidas após a Reforma*”, como “a primeira grande avaliação da experiência brasileira de construção de prédios de bibliotecas universitária”. Na ocasião foram destacadas algumas conclusões:

A maioria das bibliotecas pesquisadas expressou o desejo de levar em consideração o clima, porém grande parte das soluções e dos materiais empregados na construção foi inadequada, uma vez que todos, sem restrição, apresentam algum tipo de problema. As soluções e materiais utilizados não obedeceram à regionalização climática. Materiais e soluções de partidos arquitetônicos foram utilizados indiscriminadamente como se fossem os mesmos para todas as regiões sem considerar o clima de cada região. (Miranda, 1998, p. 14)

Nas décadas de 70, 80 e 90, do século passado, uma questão polêmica era o grau de centralização das bibliotecas universitárias, que segundo Miranda (1998) foi bem equacionada por estudo de Luzimar Silva Ferreira que conclui que:

as bibliotecas mais centralizadas pertencem a: universidades mais novas, universidades com bibliotecas centrais mais novas, universidades que possuem menor número de bibliotecas no sistema e universidades que já funcionam totalmente na Cidade Universitária. Em outras palavras, quanto mais antigas as universidades, mais descentralizados os prédios de bibliotecas embora todas elas

estivessem (e continuam) em processo de integração sistêmica em redes, o que implica em considerar tais tendências no planejamento da infra-estrutura física. (p. 18)

Nesse artigo, Miranda ainda apresenta aspectos positivos e negativos relativos às bibliotecas centrais. Destaca-se de seu trabalho de análise e processamento de dados de 400 bibliotecas, feito em 1993, juntamente com arquiteto Galbinsky. Miranda revelou em sua conclusão problemas como:

A falta de experiência de equipes locais na fase de planejamento dos edifícios; uma baixa participação da comunidade nas definições do partido arquitetônico; dificuldades de negociação com autoridades e burocracia das instituições, o que pode ter levado à tomada de decisões unilaterais por parte das agências financiadoras e das equipes externas de planejamento e construção; a baixa capacitação de arquitetos e bibliotecárias em questões específicas.(...) Aquilatar a própria experiência e detectar os problemas de forma mais científica já faz parte da própria solução que acreditamos aponta para um amadurecimento da atividade de planejamento físico de bibliotecas universitárias no Brasil. (p. 27)

Gico (1990) *apud* Miranda (2004) alerta em sua dissertação o autoritarismo na montagem de sistemas de informação no Brasil.

A autora pretendeu esclarecer o princípio da *centralização* dos sistemas de bibliotecas, que orientava a organização/reorganização das bibliotecas universitárias federais e a construção de prédios de bibliotecas como uma imposição do MEC e do Banco Mundial. A questão era defendida como necessária, dentro das determinações legais do princípio de —minimizar custos e maximizar resultados“, impondo a concentração de esforços e a sistematização das atividades. Iniciativa louvável, não fosse a maneira impositiva de sua implantação.

Cunha (2000) apresenta a nova tendência internacional na educação que preconiza como centro o estudante. Afirma que a biblioteca deve procurar se adaptar fisicamente a esse novo paradigma, de modo “serem reconhecidas como instituições necessárias” (p. 18).

Esse novo paradigma da educação centrada no estudante é a tendência da educação superior, está assentado nos quatro pilares da educação contemporânea: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer ¹. divulgada na Conferência Mundial Sobre o Ensino Superior, em 1998. (PPI-UFF, 2002)

¹ CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O ENSINO SUPERIOR (1998: Paris, França). Tendências da educação superior para o século XXI. Brasília : UNESCO/CRUB, 1999.

3.1 Padrões Espaciais e a Acessibilidade

A questão da acessibilidade (Andrade e Santos, 2004) hoje é um dos aspectos que não podem ser esquecidos em um projeto de biblioteca. A Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências”, pode diminuir as barreiras urbanísticas, arquitetônicas. O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamenta a Lei nº 7.853, em seu artigo 53, estabelece que:

as bibliotecas, os museus, os locais de reuniões, conferências, aulas e outros ambientes de natureza similar disporão de espaços reservados para pessoa que utilize cadeira de rodas e de lugares específicos para pessoa portadora de deficiência auditiva e visual, inclusive acompanhante, de acordo com as normas técnicas da ABNT, de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação.

A Norma Brasileira sobre “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” - ABNT NBR 9050:2004 – no que tange às bibliotecas, destacam-se do item 8.7:

8.7 Bibliotecas e centros de leitura

8.7.1 Nas bibliotecas e centros de leitura, os locais de pesquisa, fichários, salas para estudo e leitura, terminais de consulta, balcões de atendimento e áreas de convivência devem ser acessíveis, conforme 9.5 e figura 157^{2*}.

8.7.2 Pelo menos 5%, com no mínimo uma das mesas devem ser acessíveis, conforme 9.3. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.

8.7.3 A distância entre estantes de livros deve ser de no mínimo 0,90 m de largura, conforme figura 158*. Nos corredores entre as estantes, a cada 15 m, deve haver um espaço que permita a manobra da cadeira de rodas. Recomenda-se a rotação de 180°, conforme 4.3*.

8.7.4 A altura dos fichários deve atender às faixas de alcance manual e parâmetros visuais, conforme 4.6 e 4.7*.

8.7.5 Recomenda-se que as bibliotecas possuam publicações em Braille, ou outros recursos audiovisuais.

8.7.6 Pelo menos 5% do total de terminais de consulta por meio de computadores e acesso à internet devem ser acessíveis a P.C.R. e P.M.R. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.

* Os itens e figuras que não foram transcritos podem ser consultados no endereço:
<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/ABNT/NBR9050-31052004.pdf>.

Como pode ser visto todas essas recomendações demandam alterações no *design* das atuais e futuras bibliotecas; e pelo menos por força das leis, devemos procurar construir ou adaptar nossas bibliotecas, de forma que elas sejam inclusivas.

Fora do Brasil, desde o início da chamada Sociedade do Conhecimento muitos projetos de novas bibliotecas universitárias e reformas vem sendo implementados. E o que se tem em comum é a preocupação com a implantação das tecnologias da informação e da comunicação e a mudança de paradigma do ensino superior, que agora busca está centrada no estudante.

3.2 A Biblioteca Universitária do “futuro” e os novos espaços

Bazillion (2001) diz que a biblioteca no futuro deverá está preparada para oferecer instalações especiais para novas tecnologias de comunicação e informação, se transformando em um componente com valor agregado na educação superior.

Harrington (2001) apud Schmidt e Wilson (2004) apresenta algumas tendências em design de bibliotecas, de onde se destacam: auto-serviço e eficiência operacional, extrema flexibilidade e integração de tecnologias, “construção verde”, construção Sustentável e preocupação com a estética.

Powell (2002) revendo a literatura aponta a tendência dos designers em biblioteca para o século 21 tendo como centro o aluno, a aprendizagem, e não mas o ensino (p.110). Afirma que as novas tecnologias contribuíram enormemente para esse tendência, e, que desse modo a biblioteca para contribuir deve estar pronta fisicamente para essas novas tecnologias.

Recomenda a criação de vários espaços, incluindo o chamado “social space”, que seria um espaço onde se poderia comer e beber, conversar com amigos. Powell justifica que esses espaços também colaboram com a aprendizagem, afirmando que:

A literatura sobre espaços de bibliotecas, que colocam o estudante como centro se caracteriza por duas qualidades: *flexibilidade* - a capacidade de reconfigurar o *layout* para corresponder evolução das exigências dos usuários; *variedade* - a oferta de tipos de espaços que facilitem a diferentes formas de aprendizagem (p. 115-116).

Bundy (2004) reforça essa tendência dos vários espaços, incluindo o “social space”. Assim como Schmidt e Wilson (2004), que também ressaltam a importância da comunicação entre o bibliotecário e o arquiteto.

Em 2004 a Association of College and Research Libraries (ACRL) , como divisão da American Library Association (ALA) , lançou a última versão dos “Standards for Libraries in Higher Education”. Deste, destaca-se o padrão intitulado *facilities*, instalações, que pode ajudar na reflexão sobre os novos espaços:

As instalações de uma biblioteca devem ser bem planejadas, de modo proporcionar um espaço adequado e seguro, propício ao estudo e de investigação com as condições ambientais adequadas para os seus serviços, pessoal, recursos e coleções. Os equipamentos de uma biblioteca do devem ser adequadas e funcionais.

Esse padrão apresenta alguns questionamentos, dentre os quais destacam-se:

- Será que a biblioteca proporcionar bem-planejado, seguro, e espaço suficiente para satisfazer as necessidades do pessoal e dos usuários?
- Os sistemas mecânicos foram devidamente projetados e mantidos para controlar a temperatura e umidade em níveis recomendados?
- Qual a percepção do usuário em relação à oferta de espaços propícios ao estudo, em relação a quantidade e tipos?
- Existe espaço suficiente acervos bibliográficos e de crescimento futuro?
- Será que o pessoal tem espaço suficiente, e é configurado para promover a eficácia das operações para as necessidades atuais e futuras?
- Será que a sinalização da biblioteca facilita a utilização das instalações?
- Será que a biblioteca previu estações de trabalho ergonômicas para os usuários e para o staff?
- A fiação elétrica e de rede de computadores são suficientes para satisfazer as necessidades relacionadas com o acesso eletrônico
- Será que a biblioteca satisfaz as exigências da lei em relação as pessoa de portadoras de deficiência?

Em 2007, a Association of College and Research Libraries (ACRL) and the Library Administration and Management Association (LAMA) lançaram um guia para arquitetos no planejamento de bibliotecas universitárias, onde muitas sugestões podem ser retiradas, esse guia afirma que os: “Planejadores devem empenhar em construí projetos flexíveis - ou seja, que preveja futuras tecnologias, e mudanças de acervos bibliográficos, eventual e futura expansões, alterações usuário no perfil dos usuários, etc.” (Guide, c2008).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as Bibliotecas Universitárias e conseqüentemente as organizações que as abrigam vêm sofrendo os impactos das mudanças decorrentes da chamada Sociedade do Conhecimento, sejam elas de cunho estrutural ou tecnológico.

No tocante as Bibliotecas Universitárias as mudanças trazidas ofereceram possibilidades de crescimento e melhoria da oferta de produtos e serviços em função do grande potencial das novas tecnologias da informação que permitem agilizar a produção e disseminação de conhecimentos, ampliando significativamente as possibilidades de acesso e interação tanto por parte dos produtores quanto por parte dos “consumidores” de informação.

As Bibliotecas Universitárias devem se adequar aos processos de reestruturação nos quais são fundamentais os redesenhos estruturais que possam acomodar as forças que surgem dessas interações, das novas práticas de gestão e dos novos e diversificados aparatos tecnológicos surgidos da sofisticação e do refinamento das demandas por novos produtos e serviços.

É observado que os novos “modelos” propostos para a construção e adaptação das Bibliotecas Universitárias podem representar um fator de diferenciação, e conseqüentemente, o sucesso da organização, tendo como resultado positivo a maior interação Universidade X Comunidade, minimizando assim o processo de exclusão na ambiência de atuação das Universidades. Esse será um desafio que todas bibliotecas precisarão enfrentar, e essa revisão pretende ser uma contribuição nesse embate.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcos Vinícius Mendonça. *Gestão da qualidade em bibliotecas universitárias: indicadores de desempenho e padrões de qualidade* Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense / Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2004.

ANDRADE, M. V. M.; SANTOS, A. R. Acesso a usuários portadores necessidades especiais em bibliotecas universitárias: Revisão de literatura. *In: SEMINÁRIO*

NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2004, Natal, 2004. Disponível em: http://www.ndc.uff.br/textos/marcos_vinicius_acesso.pdf. Acesso em: 2 jun. 2008.

_____. Princípios da gestão estratégica e suas aplicações na biblioteca universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007. Brasília, DF. FEBAB / ABDF, 2007. Disponível em: http://www.ndc.uff.br/textos/marcos_ana_rosa_principios.pdf. Acesso em: 2 jun. 2008.

BAZILLION, Richard J. Academic Libraries in the Digital Revolution. *Educause Quarterly*, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.educause.edu/ir/library/pdf/EQM0119.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

BUNDY, A. Places of connection: New public and academic library buildings in Australia and New Zealand. Paper presented at the Library Buildings Conference, Bournemouth, U.K, 5-6 February 2004. Disponível em: <http://www.bournemouth.gov.uk/library/pdf/leisure/libraries/places%20of%20connection.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

BRYSON, Jared, USHERWOOD, Bob, PROCTOR, Richard. Libraries Must Also Be Buildings? *New Library Impact Study*, march 2003 Disponível em: <http://www.shef.ac.uk/content/1/c6/07/01/24/CPLIS%20-%20New%20Library%20Impact%20Study.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

CARVALHO, M. C. R. de *Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias*. Fortaleza: UFC/ABDF, 1981.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000200/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-307.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2008

GUIDE for Architects: Guide For Planning Higher Education Library Spaces. Chicago: ACRL/LAMA, c2008. Disponível em: http://wikis.ala.org/acrl/index.php/ACRL/LAMA_Guide_for_Architects>. Acesso em: 26 maio 2008.

HARRINGTON, D 2001, 'Six trends in library design', *School Library Journal Buyer's guide*. Dec. 2001. Disponível em também em: <http://firstsearch.oclc.org/images/WSPL/wspdf1/PDF/01872/P1DTR/5SD.PDF>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

MIRANDA, Antonio. Políticas e planejamento de sistemas de informação no Brasil: um caminho tortuoso. In.: ENCONTRO NACIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2004, Salvador, Bahia. *Anais...* Salvador, 2004. Disponível em: http://www.cinform.ufba.br/v_anais/palestras/antoniomiranda.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2008.

MIRANDA, Antonio. Arquitetura de bibliotecas : experiência brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10. 1998 *Universitárias*, Fortaleza, . *Anais...* Fortaleza, 1998. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/archive/00002439/01/arquitetura.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2008.

POWELL, Mark. Designing library space to facilitate learning: A review of the UK Higher education sector. *Libri*, 2002, vol. 52, pp. 110–120. Disponível em: arquivo <<http://www.librijournal.org/pdf/2002-2pp110-120.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2008

SCHMIDT, Janine, Wilson, Hamilton The Architect/Librarian team ensuring excellence in library design. In: BIENNIAL CONFERENCE, Gold Coast, *Papers*. Gold Coast: ALIA, 2004. Disponível em: <http://www.library.uq.edu.au/papers/paperarchives/the_architect_librarian_team.pdf> . Acesso em: 4 maio 2008.

STANDARDS for Libraries in Higher Education. Chicago: Association Of College And Research Libraries, 2004. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/standardslibraries.cfm>> . Acesso em: 4 maio 2008.

SVEIBY, K.E. A Nova Riqueza das Organizações : Gerenciando a Avaliando Patrimônios de Conhecimento. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. REUNI, Plano de reestruturação e expansão das universidades públicas brasileiras: Roteiro da proposta [UFF], 2007. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&Itemid=99999999&gid=180>. Acesso em 26 maio 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Projeto Pedagógico Institucional*. Niterói, 2002. [PPI/UFF]. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=100&Itemid=39>. Acesso em: 09 jun. 2008.

¹ Ana Rosa dos Santos, Universidade Federal Fluminense, Núcleo de Documentação, Biblioteca das Faculdades de Nutrição e Odontologia (BNO), ndcars@vm.uff.br.

² Marcos Vinícius Mendonça Andrade, Universidade Federal Fluminense, Núcleo de Documentação, Biblioteca da Escola de Arquitetura e Urbanismo (BAU), marcosvinicius@vm.uff.br.